

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS OFERECIDOS A IVO CASTRO

# ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

OFERECIDOS A IVO CASTRO



ISBN 978-989-98666-3-8

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

2019

I,

En nunca guardei rebanhos,  
Mas, e' como se os guardasse.  
Quil' alma  
~~Quil' alma~~ e' curba um pastor,  
Pertence ao vento e ao sol,  
E anda pela mar de Estacadas  
A carter e a brincar. (A viver como elles vivem.)  
Toda a paz da natureza sem senti-  
nem ventar - e a mais laiz;  
Mas em fim tinto, por um e por coisa nenhuma,  
Como um furo de sol para a alma magra,  
Quando acontece ao fundo da planicie,  
E' sentida que a vida chegou um se ver  
Como uma borlida ~~que se~~ de cruce em cruce.  
- ja dentro de  
Mas a mente tinto e' abgo  
Logo e' natural e juto.

f. 19 GF-1  
51

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS  
OFERECIDOS A IVO CASTRO

Organizados por

Ernestina Carrilho  
Ana Maria Martins  
Sandra Pereira  
João Paulo Silvestre

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

2019

Título • *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*

Organizadores • Ernestina Carrilho, Ana Maria Martins, Sandra Pereira, João Paulo Silvestre

Edição • Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Capa • Ivo Castro, arquivo particular

Contra-capas • Pormenor do manuscrito de Fernando Pessoa *Eu nunca guardei rebanhos*

[Alberto Caeiro], BN Esp. E3/67-1r. Biblioteca Nacional de Portugal.

ISBN 978-989-98666-3-8 [livro digital]

## Índice geral

Prefácio .....	7
Comissão científica .....	13
<i>Laudatio</i>	
<i>Rosário Álvarez Blanco</i> .....	15
<i>A Estrada de Cintra</i> (Castro 2017): saudação aos participantes do IVº CILH	
<i>Inês Duarte</i> .....	29
Ivo Castro. Uma bibliografia (1969-2019).....	31
1. A demanda da ortografia mirandesa: entre a norma, a convenção e o florescimento	
<i>António Bárbolo Alves</i> .....	43
2. Os relativizadores <i>que</i> e <i>quem</i> em contextos preposicionados: análise de uma mudança do português clássico ao moderno	
<i>Aroldo de Andrade</i> .....	61
3. Periodização da história linguística do Sul da Bahia	
<i>Wagner Argolo Nobre</i> .....	89
4. Próclise e ênclise na oratória barroca	
<i>Ana Paula Banza</i> .....	119
5. A letra de samba – um <i>corpus</i> para estudos do português do Brasil no século XX	
<i>Flávio de Aguiar Barbosa</i> .....	141
6. Reflexos da paisagem humana e social da Idade Média em textos jurídicos: fenómenos de indireção ou de atenuação discursiva em atos diretivos	
<i>Clara Barros</i> .....	165
7. A variação entre <i>ter</i> e <i>haver</i> em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal)	
<i>Aline Bazenga</i> .....	181
8. Subjuntivo <i>vs</i> indicativo em orações completivas: percurso diacrónico no português brasileiro	
<i>Rosane de Andrade Berlinck</i> .....	217
9. Continuando o debate sobre a origem do infinitivo flexionado: uma abordagem «mista» e baseada em <i>corpora</i>	
<i>Giulia Bossaglia</i> .....	245
10. <i>O artificio das etimologías</i> : elementos constitutivos da toponímia galega	
<i>Ana Isabel Boullón-Agrelo</i> .....	277
11. Estudo antroponímico dunha comunidade galega do século XV	
<i>Paula Bouzas</i> .....	321
12. Análise dialetométrica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: variação lexical	
<i>Fernando Brissos, João Saramago</i> .....	349
13. Reformas ortográficas: práticas sem teorias	
<i>Luiz Carlos Cagliari</i> .....	381

14. O uso do subjuntivo ao longo da história do português <i>Dinah Callou, Érica Almeida</i> .....	393
15. Análise de <i>macrocorpora</i> e <i>microcorpora</i> para estudos de linguística histórica <i>Juan M. Carrasco González</i> .....	415
16. Historiando o Português Brasileiro. Ivo Castro e o Projeto de História do Português de São Paulo <i>Ataliba T. de Castilho</i> .....	431
17. Estruturas de focalização em peças portuguesas e brasileiras <i>Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante, Maria Eugênia Lammoglia Duarte, Mayara Nicolau de Paula</i> .....	445
18. Fernando Pessoa 2.0: novas ferramentas para velhos problemas <i>Simone Celani</i> .....	461
19. A arbitrariedade de terceira pessoa em português brasileiro <i>Fernanda Cerqueira</i> .....	477
20. A gramaticalização de <i>Nossa Senhora</i> nos falares mineiro e fluminense <i>Bruna Amarante de Mendonça Cohen</i> .....	509
21. Coordenação de constituintes nominais com apenas um determinante em português europeu <i>Madalena Colaço, Carolina Gramacho</i> .....	521
22. Os sonetos que houve entre Antero de Quental e Oliveira Martins <i>Ângela Correia</i> .....	553
23. O estrato linguístico duocentista num manuscrito seiscentista - a <i>Vida de Santa Senhorinha de Basto</i> <i>Marta Louro Cruz</i> .....	569
24. Considerações acerca das palavras portuguesas terminadas em <i>-oulo / -oilo</i> <i>Przemysław Dębowski</i> .....	583
25. A edição crítica do teatro de espetáculo espanhol do século XVIII. Um caso prático nas comédias de Manuel Fermín de Laviano <i>Alberto Escalante Varona</i> .....	607
26. Do latim galaico ao galego-português. Processos de mudança <i>Maria Alice Fernandes</i> .....	637
27. Ascendentes textuais do Livro de Marco Polo <i>Maria Helena Garvão</i> .....	667
28. A codificação de tópico do sujeito nas construções participiais absolutas licenciadas em textos de autores portugueses dos séculos XIV, XV, XVI e XVII <i>Alba Verôna Brito Gibrail</i> .....	683
29. Porque é que os relógios não quebram os ponteiros em português europeu? <i>Anabela Gonçalves, Matilde Miguel</i> .....	713
30. Estereótipos e iconización nas representações do português em textos galegos da Idade Moderna <i>Ernesto González Seoane</i> .....	739
31. Pontes entre os crioulos portugueses de África e a história do português: um caso de estudo de /b/ e /v/ <i>Tjerk Hagemeijer</i> .....	765

32. Uma história escrita à mão: edição de documentos históricos brasileiros <i>Alicia Duhá Lose</i> .....	779
33. O papel da relação entre letra e música na investigação de elementos prosódicos em períodos passados da língua: análise de duas <i>Cantigas de Santa Maria</i> <i>Gladis Massini-Cagliari</i> .....	805
34. As preposições em português à luz da Linguística Cognitivo-Funcional <i>Vanda Cardozo de Menezes, Monclar Guimarães Lopes</i> .....	831
35. Carolina Michaëlis e Henry Lang: um diálogo entre romanistas <i>Lênia Márcia Mongelli, Yara Frateschi Vieira</i> .....	845
36. Variación scriptolingüística e tradición manuscrita da lírica trobadoresca: As variables <nh/n> e <ss/s> <i>Henrique Monteagudo</i> .....	859
37. Alçamento de vogais médias pretônicas no português brasileiro sul-rio-grandense: comportamento variável e retrato oitocentista <i>Roberto Francisco Nasi, Valéria Neto de Oliveira Monaretto</i> .....	961
38. Ecos de Gil Vicente (ca.1465–ca.1536) en la revista de vanguardia <i>1616 (English &amp; Spanish Poetry)</i> <i>María Victoria Navas Sánchez-Élez</i> .....	989
39. Da transcrição como exercício de escolha múltiplo <i>Ariadne Nunes, José Camões</i> .....	999
40. A linguística histórica e o léxico diferencial: variação dialetal e sociolinguística de alguns regionalismos do Português falado na ilha da Madeira <i>Naidea Nunes Nunes</i> .....	1023
41. Intercompreensão em Línguas Românicas como ferramenta para a aproximação à História das Línguas <i>Francisco Javier Calvo del Olmo, Karine Marielly Rocha da Cunha</i> .....	1061
42. Valores sintáticos e semânticos com <i>ser</i> e <i>estar</i> no <i>Leal Conselheiro</i> de D. Duarte <i>Paulo Osório</i> .....	1085
43. Lexicologia e crítica textual: O <i>Vocabulário em Idioma Bengalla e Portuguez</i> e o <i>Marsden Lexicon</i> <i>Stephen Parkinson</i> .....	1103
44. Portugal, França e Brasil: uma, duas ou três críticas genéticas? <i>Carlota Pimenta</i> .....	1121
45. Os múltiplos valores do item <i>homem</i> em Português Antigo <i>Clara Pinto</i> .....	1147
46. Preposições complexas em Português: lexicalização e gramaticalização <i>José Pinto de Lima</i> .....	1181
47. Contacto e variação em caboverdiano: uma questão de tempo <i>Fernanda Pratas</i> .....	1213
48. De quanta filologia precisa um linguista e de quanta linguística precisa um filólogo <i>Maria Ana Ramos</i> .....	1239
49. Nomes deverbais não sufixados e nomes deverbais corradicais sufixados: condições de existência <i>Graça Rio-Torto</i> .....	1303

50. Para uma interpretação hermenêutica de uma edição crítico-genética: emendas de elocução e emendas de poética <i>Enrique Rodrigues-Moura</i> .....	1339
51. O apagamento das vogais átonas finais [ɨ] e [ʊ], diante de consoante e de pausa, a partir de dados do ALEPG: Barlavento algarvio e São Miguel <i>Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo</i> .....	1355
52. O futuro das humanidades digitais é o passado <i>Jorge Viana Santos, Cristiane Namiuti</i> .....	1381
53. Nomes portugueses, nomes de portugueses e nomes em português: norma linguística e mudança sociolinguística <i>João Paulo Silvestre</i> .....	1405
54. O legado germânico na antroponímia neológica do português do Brasil <i>Juliana Soledade, Mailson Lopes, Leticia Rodrigues</i> .....	1417
55. O texto que se lê de <i>O Seminarista</i> , de Bernardo Guimarães <i>Luana Batista de Souza</i> .....	1447
56. A propósito de uma pseudo «cantiga de amigo» provençal. Problemas linguísticos, exegéticos e atributivos <i>Giuseppe Tavani</i> .....	1471
57. Um olhar sobre a <i>Vita Christi</i> : proposta de filiação dos fragmentos da primeira parte da obra <i>Silvio de Almeida Toledo Neto</i> .....	1483
58. Assimilação vocálica, coloração e coalescência em sequências $V_1V_2$ na diacronia e na sincronia do português: uma proposta descritiva baseada na fonologia dos elementos <i>João Veloso</i> .....	1515
59. O léxico patrimonial no quinhentismo português <i>Fernando Venâncio</i> .....	1541
60. Phonological metrics in author identification and characterization <i>Marina Vigário, Carla Pires, Fernando Martins, Sónia Frota</i> .....	1561
Palavras-chave .....	1583

## 58. Assimilação vocálica, coloração e coalescência em sequências V<sub>1</sub>V<sub>2</sub> na diacronia e na sincronia do português: uma proposta descritiva baseada na fonologia dos elementos

João Veloso

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto,*

*Centro de Linguística da Universidade do Porto*<sup>953</sup>

Em diversas variedades do português, assim como noutras línguas românicas, as adjacências vocálicas /aI/ e /aU/ motivaram frequentemente a mudança de /a/ para [e] ou [o]. Este fenómeno, designável como «assimilação vocálica», viria a dar origem, em português, aos ditongos históricos [ej] e [ow] (conservados nos dialetos setentrionais do português europeu contemporâneo), por sua vez posteriormente sujeitos a outros fenómenos de mudança fonético-fonológica. De entre estes, destaca-se a coalescência do ditongo numa vogal única (conforme se verifica em variedades do português meridional, bem como no francês metropolitano e no espanhol). O mesmo processo é ainda responsável por inúmeros casos de alomorfa ainda hoje produtivos na flexão verbal do português, nomeadamente nos verbos da primeira conjugação. Neste trabalho, propomos descrever este processo assimilatório, à luz da fonologia dos elementos, como um processo de coloração que se aplica uniformemente aos casos da diacronia e da sincronia, fonológica e morfologicamente motivados, em português e noutras línguas românicas, e que consistiria na absorção dos elementos tonais {I} e {U} pela primeira vogal (atona) dessas sequências originais.

**Palavras-chave:** assimilação vocálica regressiva, coloração, coalescência vocálica, vocalismo.

### 1. Introdução

O principal objetivo do presente estudo consiste em propor uma explicação para os fenómenos assimilatórios que reespecificam a altura, a abertura, a palatalidade e a labialidade da primeira vogal de sequências V<sub>1</sub>V<sub>2</sub> em que V<sub>1</sub>=/a/ e V<sub>2</sub>={/i/v/u/}<sup>954</sup>,

<sup>953</sup> Unidade de investigação financiada pela Universidade do Porto (Programa Santander Universidades) e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/LIN/0022/2016).

<sup>954</sup> Ao longo do texto, os dois vocóides destas sequências serão representados, teoricamente, como V, que aqui deve ser entendido como uma simbolização, num nível de subespecificação mais profundo, de qualquer segmento não contóide. A natureza da representação subjacente do segundo segmento destas sequências não nos ocupará senão, e apenas limitadamente, na secção 4, sobretudo, quando for discutida



conforme exemplificado, no caso de evoluções diacrónicas, por mudanças como lat. *laicu* > port. *leigo* (/aI/ → [ej]) ou lat. *auru* > port. *ouro* (/aU/ → [ow])<sup>955</sup>. Embora os exemplos que acabamos de dar demonstrem a produtividade histórica do fenómeno – responsável pela formação, no português, de grande parte dos ditongos [ej] e [ow] (Nunes 1956: 74ss., Vázquez Cuesta e Mendes da Luz 1971: 232, 233, Maia 1986: 534ss., Neto 1988: 197, Mattos e Silva 2008: 504–505)<sup>956</sup> –, a assimilação vocálica de que trataremos no texto não se circunscreve estritamente ao domínio das evoluções diacrónicas, havendo resquícios da sua produtividade ainda no português contemporâneo, conforme é nosso objetivo, ainda que secundariamente, demonstrar também ao longo do estudo.

A explicação que pretendemos desenvolver para este fenómeno inscreve-se num quadro teórico que designaremos, de forma ampla, por *fonologia dos elementos* e pretende inserir-se numa série de explorações anteriores do vocalismo do português em que seguimos o mesmo enquadramento para descrever aspetos como a redução átona (Veloso 2013, 2016), a representação lexical das vogais centrais não baixas (Veloso 2012, 2016) ou dos diferentes graus de abertura vocálica do português (Veloso 2016) ou ainda o estatuto prosódico dos monossílabos lexicais desta mesma língua (Veloso 2017).

No texto, começaremos por expor brevemente alguns dos princípios mais importantes da fonologia dos elementos (secção 2). Na secção seguinte, faremos uma descrição estrutural geral do fenómeno assimilatório que será analisado no estudo (secção 3), detendo-nos, de forma muito particular, nas variáveis fonológicas e morfológicas que o podem ter condicionado e que terão motivado a respetiva

---

a sua realização como semivogal em resultado de um processo (histórico e/ou dialetal) de *glidização*. Desta forma, assumiremos à partida, de acordo com o entendimento mais corrente acerca das «semivogais» em descrições fonológicas da língua como Mateus e Andrade (2000) ou Mateus *et al.* (2003), a inexistência de semivogais lexicais em português europeu e a interpretação de todas as semivogais fonéticas desta língua como vogais fonológicas.

<sup>955</sup> As principais opções de transcrição e notação de segmentos e autosegmentos e de formalização de processos fonológicos adotadas no texto são explicadas noutros pontos da exposição.

<sup>956</sup> Maia (1986) e Mattos e Silva (2008), nas passagens referidas no texto, contam-se entre os autores que distinguem os ditongos *primários* – existentes já enquanto tais no próprio latim – dos ditongos *secundários*, formados no português a partir de hiatos ou outras sequências lineares do latim que conheceram, em fases intermédias da história do português, formatos fonológicos diversos.

Estes ditongos, em algumas variedades do português – nomeadamente em parte dos dialetos centro-meridionais do português europeu contemporâneo – serão mais tarde reduzidos aos «monotongos» [e] e [o]. Segundo Teyssier (1990: 52–53), esta mudança teria começado a instalar-se no português no século XVII. Voltaremos a este tema específico na secção 4 do texto.

produtividade em diferentes estádios da história do português. A proposta central do estudo – a aplicação do modelo da fonologia dos elementos à assimilação vocálica em análise neste trabalho – será apresentada e desenvolvida na secção 4 do artigo, à qual se seguirá uma última secção de conclusões e observações finais (secção 5).

## 2. A fonologia dos elementos

Na presente secção, tal como foi anunciado na introdução, proceder-se-á a uma breve síntese do enquadramento teórico de princípio que guiará a análise proposta neste trabalho e que aqui designaremos genericamente por *fonologia dos elementos* (FE).

Tal como afirmámos em trabalhos anteriores (p. ex.: Veloso 2012, 2013), a etiqueta «fonologia dos elementos» não remete para um quadro teórico bem circunscrito do ponto de vista cronológico ou epistemológico (ao contrário do que sucede com designações como «fonologia estruturalista», «fonologia generativa», «fonologia autossegmental» ou «fonologia prosódica», p. ex.). A designação é aqui usada, com uma abrangência propositada, para englobar um conjunto de autores e abordagens que – na tradição inaugurada por Schane (1984) – elegend como primitivos fonológicos das vogais<sup>957</sup> os *elementos* (ou *partículas*, na terminologia de Schane 1984) e que influenciam, a nível da conceção da arquitetura interna dos segmentos fonológicos adotada, modelos teóricos epistemologicamente mais bem delimitados, como, designadamente, a fonologia das dependências (Anderson e Ewen 1987, Van Der Hulst 1989), a fonologia do governo (Kaye, Lowenstamm e Vergnaud 1985) ou a fonologia declarativa (Scobbie, Coleman e Bird 1996, Angoujard 2003, 2006).

Na FE, os elementos, unidades mínimas e primitivas dos segmentos, não diferem ontologicamente dos próprios segmentos em que se combinam, o que se torna especialmente patente no caso das vogais<sup>958</sup>, como tentaremos demonstrar na continuação da presente exposição.

Ao contrário das explicações baseadas em traços distintivos – em que segmentos «pronunciáveis» como /b/ ou /a/ se distinguem de propriedades «abstratas» e

---

<sup>957</sup> Autores como Scheer (1998), Angoujard (2006) ou Backley (2011), entre outros, adotam descrições das consoantes igualmente inspiradas em elementos, questão de que aqui não nos ocuparemos, dada a sua irrelevância para a discussão do tema central do estudo.

<sup>958</sup> Vd. nota anterior.

«impronunciáveis» como [ $\pm$ coronal] ou [ $\pm$ arredondado] –, as vogais, em FE, resultam da combinação de primitivos que são, intrinsecamente, uma espécie de «vogais primordiais» também: pronunciáveis e foneticamente configurados e motivados (Schane 1984, Kaye, Lowenstamm e Vergnaud 1985, Boltanski 1999, Angoujard 2003, Durand 2005, Backley 2011).

Em alguns textos fundamentais que constituem as bases desta abordagem, a relação entre vogais e elementos é comparada à relação entre as cores primárias e as cores secundárias (Schane 1984: 150, Brandão de Carvalho, Nguyen e Wauquier 2010: 87): todas as cores resultam da combinação, em graus diferentes, de três cores primárias – azul, amarelo e magenta. Quer estas cores «primordiais», quer todas as cores que resultam das suas múltiplas combinações possíveis são, de um ponto de vista ontológico, cores. O mesmo se passa com as vogais: partindo de um inventário muito restrito de três vogais «básicas» – /a/, /i/, /u/ –, que constituiriam uma espécie de matéria-prima primordial para a construção de qualquer sistema vocálico, correspondendo às vogais maximamente distantes e distintas no espaço articulatório-acústico-percetivo (estas são, como recorda Backley (2011: 19), as «corner vowels»), todas as vogais são concebíveis como a ocorrência destas vogais *elementares* em estado puro ([a]=/a/; [i]=/i/; [u]=/u/)<sup>959</sup> ou como a combinação delas entre si, conforme explicaremos mais adiante.

A combinação de dois ou mais elementos *simples* numa só vogal *complexa* (isto é, distinta de /a/, /i/ ou /u/) corresponde a uma operação fonológica que, em FE, recebe o nome de  *fusão* (i.a. Schane 1984: 133ss., Boltanski 1999: 79ss.). A fusão de elementos em segmentos obedece a princípios importantes, como a *plausibilidade fonética* (evitando a sobregeração segmental e a geração de segmentos articulatoriamente impossíveis ou improváveis – cf. Kaye 1990, Boltanski 1999: 77) e a *hierarquização interna* (Lass 1984: 271, 272, Van Der Hulst 1989: 253ss., Scheer 1998: 141, Boltanski 1999: 79, Angoujard 2003: 176ss., 2006: 36ss., Durand 2005: 12, Brandão de Carvalho, Nguyen e Wauquier 2010: 91ss.). Relativamente a esta última propriedade, o que a FE propõe, essencialmente, é que em cada segmento existe um elemento dominante e um ou mais elementos em posição dominada, criando-se uma relação

---

<sup>959</sup> Por esta mesma razão, /a/, /i/, /u/ são também as vogais universais (Brandão de Carvalho, Nguyen e Wauquier 2010: 87), presentes em todas as línguas do mundo e indispensáveis à construção de qualquer inventário vocálico mais complexo que contemple outros itens para além delas próprias.

hierárquica que, em fonologia das dependências e em fonologia do governo, se descreve como {Cabeça.Operador} (Scheer 1998: 141–142, Boltanski 1999: 79, Angoujard 2003: 176ss., 2006: 36ss.)<sup>960</sup>.

Os elementos «puros» a partir dos quais, de acordo com a FE, são construídas todas as vogais de todas as línguas do mundo correspondem às realizações fonéticas prototípicas de /a/, /i/ e /u/ e são os seguintes (Schane 1984, Lass 1984, Van Der Hulst 1989, Boltanski 1999, Angoujard 2003, 2006, Brandão de Carvalho, Nguyen e Wauquier 2010, Backley 2011):

- o elemento de **sonoridade/abertura**: {A};
- os elementos de **tonalidade** (ou **coloração**):
  - **palatalidade**: {I};
  - **labialidade**: {U}.

O primeiro situa as vogais no eixo vertical da abertura vocálica. Os segundos, combinando-se com ele (e, menos frequentemente, entre si), especificam as propriedades que contribuem para todas as distinções vocálicas, conferindo assim um lugar próprio a cada vogal no sistema vocálico da língua, definido como a combinação da sonoridade (comum a todas as vogais) com a coloração/tonalidade (que divide as vogais em duas séries principais: vogais palatais, com o elemento {I}, e vogais labiais, com o elemento {U}).

### 2.1. *Representações das vogais do português em elementos*

Recordando de novo que todas as vogais resultam obrigatoriamente, no modelo descritivo da FE, da combinação de um elemento dominante em Cabeça e de um segundo elemento (dominado) em Operador, as vogais «puras» /a/, /i/ e /u/ contam com as representações encontradas em (1)<sup>961</sup>.

<sup>960</sup> Outras características importantes dos elementos e da sua organização no interior de um segmento fonológico são o seu *carácter unário* (Schane 1984, Van Der Hulst 1989: 254), a *iteratividade* (a possibilidade de um mesmo elemento ocorrer mais do que uma vez no mesmo segmento – Schane 1984, Brandão de Carvalho 1993, 2011) e a *universalidade* (Schane 1984, Brandão de Carvalho, Nguyen e Wauquier 2010).

<sup>961</sup> Na representação da estrutura interna das vogais em elementos, estes serão inscritos entre chavetas ({}), com o elemento em Cabeça em primeiro lugar e sublinhado, e o elemento em Operador em segundo lugar, não sublinhado.

## (1) Representação das vogais puras /a/, /i/ e /u/ em elementos

/a/={A,A}

/i/={I,I}

/u/={U,U}

À parte estas vogais, todas as restantes têm origem numa combinação de elementos, em princípio não iterativos, no interior da estrutura segmental. De acordo com propostas que formulámos em estudos anteriores para a descrição das vogais do português à luz deste modelo (Velooso 2012, 2013, 2016), e ignorando aqui as vogais centrais não baixas, as vogais médias desta língua seriam dotadas das seguintes representações:

## (2)

Vogais com elemento {I} (palatalidade), variando em abertura ({A}): a sua distinção é dada pela posição relativa de {A} e {I} na relação Cabeça/Operador.

Representação das vogais médias /e/, /E/, /o/ e /O/ em elementos

/e/={I,A} }  
 /E/={A,I} }

/o/={U,A} }  
 /O/={A,U} }

Vogais com elemento {U} (labialidade), variando em abertura ({A}): a sua distinção é dada pela posição relativa de {A} e {U} na relação Cabeça/Operador.

### 3. Assimilação vocálica de V1 em português no contexto $|V_1=\{\underline{A},A\} \wp V_2=[\{\underline{I},I\} \vee \{\underline{U},U\}]$ : descrição estrutural do fenómeno e considerações sobre a sua representatividade diacrónica e sincrónica

Neste trabalho, conforme anunciado na introdução e de acordo com os breves exemplos dados no início do texto (lat. *laicu*>port. *leigo* (/aI/→[ej]); lat. *quru*>port.

*ouro* (/aU/→[ow])), ocupar-nos-emos do fenómeno assimilatório que abrange sequências lineares  $V_1V_2$  em que  $V_1$  é completamente desprovida de elementos de tonalidade ( $V_1=/a/=\{\underline{A},A\}$ ) e antecede uma vogal composta unicamente por esses mesmos elementos de tonalidade ( $V_2=/i/=\{\underline{I},I\}$ ; ou  $V_2=/u/=\{\underline{U},U\}$ ). Em resultado deste fenómeno assimilatório,  $V_1$  irá absorver o traço de tonalidade ( $\{I\}$  ou  $\{U\}$ ) de  $V_2$ , dando origem, no nível fonético, a [e] ou a [o], como demonstram os exemplos supracitados. Em termos tradicionais, trata-se de um fenómeno de *assimilação (vocálica) regressiva parcial* (de acordo com as definições ou descrições do processo encontradas, p. ex., em Kiparsky (1995: 660ss.), Carr (2008: 16–17) ou Zsiga (2011). Para mencionar este processo no âmbito da formação histórica do português, Mattos e Silva (2008: 505) usa explicitamente a expressão «assimilação vocálica» (AV), que será usada também, no seguimento do texto, para lhe fazermos referência.

Historicamente, a AV é a causa de muitos dos ditongos [ej] e [ow] do português medieval e contemporâneo, conforme referimos na introdução (Nunes 1956: 74ss., Vázquez Cuesta e Mendes da Luz 1971: 232, 233, Maia 1986: 534ss., Neto 1988: 197, Mattos e Silva 2008: 504–505). Como veremos mais tarde, em parte dos dialetos centro-meridionais do português europeu contemporâneo e em algumas variedades brasileiras, estes mesmos ditongos são reduzidos («monotongados») a [e] e [o]<sup>962</sup>, questão sobre a qual não nos deteremos neste momento.

Conforme tem sido recorrentemente referido, este processo assimilatório é particularmente importante na diacronia do português, tendo-se aplicado de forma regular e sistemática às sequências etimológicas em que /a/ antecede um vocoide palatal ou labial. Os exemplos de (3) demonstram bem esta produtividade histórica do fenómeno: em palavras com sequências originais  $/a/(\underline{A},A) \wp [i/(\underline{I},I) \vee u/(\underline{U},U)]$ , /a/ evolui para [e](= {I,A}), quando antecede

<sup>962</sup> Alguns destes ditongos são ainda, posteriormente, objeto da aplicação de outros processos fonológicos, de que não nos ocuparemos no presente trabalho, entre os quais a centralização de [e] para [ɐ] no ditongo [ej] (<leite>=[ˈlɛjtɨ]), a qual se verifica numa parte dos dialetos centro-meridionais. Esta centralização representa uma dissimilação (posterior à assimilação que é objeto deste estudo) e verifica-se sempre que /é/ tónico (no contexto do ditongo de que aqui nos ocupamos, mas também noutros contextos fonológicos) antecede um segmento palatal ([j] ou outro, conforme os seguintes exemplos: <coelho>=[ˈkwɛlu]; fecho=[ˈfɛʃu]; etc.). Mateus (1982) e Mateus *et al.* (2003), entre outros, admitem o fenómeno no conjunto dos processos fonológicos produtivos em português e Teyssier (1990: 64–65) inscreve-o entre as «inovações fonéticas do século XIX», restringindo-o à variedade culta de Lisboa.

/i/(={I,I}), ou para [o], quando antecede /u/(={U,U}). Nos exemplos de (3)<sup>963</sup>, representamos as vogais /i/ e /u/ desencadeadoras da assimilação, respetivamente, por /I/ ou /U/. Desta forma, não assumimos definitivamente uma especificação lexical completa nem quanto à silabicidade destes segmentos, nem, conseqüentemente, no tocante à sua representação teórica como vogais ou semivogais, tendo em consideração que, quer no latim, quer em estádios intermédios da evolução diacrónica anteriores ao português contemporâneo, o vocoide alto pode corresponder ora a vogais silábicas ([i], [u]), ora a semivogais não silábicas ([j], [w]).

A circunstância de as vogais resultantes do processo ([e], [o]) adquirirem o elemento de tonalidade da vogal seguinte (vd. as formalizações propostas, num ponto mais adiantado do texto, em (6)) é evidência suficiente para aceitarmos e descrevermos este fenómeno como um processo assimilatório local (Kiparsky 1995, Carr 2008, Zsiga 2011). Trata-se de uma questão que aprofundaremos na secção seguinte, tentando explicar esta assimilação com recurso à interação entre elementos de vogais adjacentes.

(3) Exemplos de evoluções /aI/→[ej] e /aU/→[ow]

/aI/→[ej]	/aU/→[ow]
lat. <i>lakte</i> > * <i>lajte</i> > port. <i>l[e(j)]te</i>	lat. <i>auru</i> > port. <i>[o(w)]ro</i>
lat. <i>laicu</i> > port. <i>l[e(j)]go</i>	lat. <i>paucu</i> > port. <i>p[o(w)]co</i>
lat. <i>primariu</i> > * <i>primairo</i> > port. <i>prim[e(j)]ro</i>	lat. <i>causa</i> > PM <i>c[o(w)]sa</i>

Na formação histórica destes ditongos, assumimos, para a elaboração do quadro apresentado em (3):

- que [ej] pode resultar de evoluções ocorridas em diferentes épocas da história da língua (o ditongo pode resultar de adjacências /aI/ encontradas já em latim ou formadas mais tardiamente no português medieval; lembre-se neste momento a distinção, proposta, p. ex., por Maia (1986) e por Mattos e Silva

<sup>963</sup> No quadro de (3), bem como noutras passagens do texto, transcreveremos a oclusiva velar latina em coda silábica que dá origem, no português e noutras línguas românicas aqui consideradas, a uma semivogal, como <k> (e.g. *lakte*, *faktu*), seguindo a mesma convenção encontrada, p. ex., em Angoujard (2003).

(2008), entre *ditongos primários* e *ditongos secundários* com base neste mesmo critério<sup>964</sup>);

- a existência de uma forma cronologicamente intermédia [aj] em que a semivogal [j] provém de um /k/ latino em coda silábica<sup>965</sup>. Esta assunção corresponde a um postulado geralmente aceite pelos romanistas (cf., p. ex., Glessgen 2007: 153) e pelos historiadores do português (cf., entre outros, Maia 1986: 543–544), encontrando acolhimento também junto de fonólogos que combinam a descrição sincrónica da língua com a descrição diacrónica, como é o caso de Angoujard (2003), conforme veremos em 4 (Angoujard 2003 defende esta reconstrução, aceitando-a para o francês, com base em argumentos de natureza teórica e descritiva que enfatizam a necessidade da iodização para preservar a posição prosódica da oclusiva /k/ encontrada na coda silábica do latim).

### 3.1 *Assimilação vocálica e flexão verbal em português contemporâneo: produtividade e condicionamento morfológico/fonológico deste processo*

Na secção precedente, a nossa atenção focou-se exclusivamente na aplicação da AV a mudanças diacrónicas verificadas em períodos precoces da formação do português. Nos parágrafos seguintes, tentaremos ver de que forma a aplicação da AV poderia estender-se a outras fases da língua.

Embora esta questão não corresponda a um tópico central deste estudo nem tenha implicações muito relevantes para a proposta de análise que pretendemos desenvolver na secção seguinte, dedicar-lhe-emos algum espaço neste momento da discussão, a fim de contextualizarmos melhor o fenómeno de que aqui nos ocupamos.

A existência, em português, de muitas palavras em que as sequências /aI/ e /aU/ não desencadeiam nem sofrem AV ([aj]: *raiva*, *saia*, *laia*, *praia*; [aw]: *fausto*, *mau*, *aurífero*, *dinossauro*) sugere que o fenómeno se encontra inativo não só no português contemporâneo mas também, atendendo à cronologia da atestação de muitos destes itens lexicais, desde estádios bastante recuados da história da língua.

---

<sup>964</sup> Vd. nota 3.

<sup>965</sup> Vd. nota 10.



Esta é, no essencial, a proposta de Mateus e Andrade (2000: 78). Com base em exemplos como os que reunimos em (4), os autores citados defendem também que o fenómeno se encontra desativado na fonologia do português contemporâneo<sup>966</sup>.

(4) Palavras de entrada recente na língua sem ativação de AV

/aI/→[aj]	/aU/→[aw]
lat. cl. <i>laicu</i> > PMod. <i>laico</i> ['lajku]	PMod. <aurífero> [aw'rifiru]
ing. <i>light</i> > PC <light> ['lajt]	ing. <i>cloud</i> > PC <cloud> [klawd]

Existe, contudo, um subconjunto de formas – de extensão e representatividade consideráveis – em que o processo parece manter alguma produtividade: a flexão verbal.

Mateus e Andrade (2000) – os mesmos autores que defendem a improdutividade da AV no português contemporâneo, conforme acima referido – reconhecem que no alinhamento morfológico das formas verbais, especialmente nos verbos da primeira conjugação e afetando de forma muito particular a vogal temática<sup>967</sup>, a especificação da abertura, da palatalidade e da labialidade da vogal final de certos morfemas flexionais resulta do mesmo processo assimilatório que, na formação do português, determinou a passagem de /a/ a [e] antes de /i/ e a [o] antes de /u/. Esta interpretação, que terá algum desenvolvimento mais adiante, permite-nos

<sup>966</sup> Em algumas variedades pouco documentadas do português, porém, poderemos aceitar a produtividade desta mesma AV como um processo *fonológico* ainda atuante, como sucederia no período de formação da língua, sempre que há adjacência /aI/ ou /aU/. Valemo-nos, para esta afirmação, do conhecimento empírico de produções encontradas em alguns estratos de falantes da Área Metropolitana do Porto – nomeadamente, do concelho da Maia –, onde, embora porventura em declínio, é frequente encontrarmos produções como as seguintes, oriundas sobretudo de falantes mais idosos e menos escolarizados:

/aI/→[ej]/[ɛj]	/aU/→ [ow]/[ɔw]
<i>saia</i> =['sejɐ]/['sejɐ]	<i>Laura</i> =['lowrɐ]/['lowrɐ]
<i>Maia</i> =['mejɐ]/['mejɐ]	<i>mau</i> =[mow]/[mɔw]
<i>raiva</i> =['rejβɐ]	<i>falso</i> =['fɔwsu] (com glidização de /l/ em coda, por vezes acompanhada de rotacização: ['fɔwrsu])

Como dissemos, estes dados são aqui apresentados com base no nosso contacto direto e empírico, praticamente quotidiano, com a norma dialetal e socioletal de que provêm (concelho da Maia, distrito do Porto), embora não seja a nossa norma nativa ou habitual e ainda que não disponhamos de estudos anteriores que comprovem e ilustrem a frequência e os contextos em que ocorrem produções como as exemplificadas.

<sup>967</sup> No que diz respeito especificamente à vogal temática (VT), recorde-se que este é o morfema que Mateus *et al.* (2003: 1021) consideram o *ponto nevrálgico* das formas verbais precisamente pela significativa quantidade de fenómenos fonéticos a que está sujeito.

concluir que: (i) a produtividade do fenómeno ainda subsiste, residualmente, no estágio atual da língua; e (ii), concomitantemente, que o processo, de um processo fonologicamente condicionado em estádios mais recuados da história da língua (independentemente do contexto morfossintático, qualquer /a/ antes de /i/ evolui para [e] e qualquer /a/ antes de /u/ evolui para [o]), passou a ser, limitadamente, um processo morfológicamente motivado, uma vez que se verifica somente com formas verbais, em fronteira de morfema e quando o alinhamento morfológico das formas gera tais sequências.

Esta interpretação, subscrita, como dissemos, em Mateus e Andrade (2000), encontra-se claramente explicitada na seguinte citação:

*One should note that the sequences [áj] and [áw] [portanto, sem assimilação vocálica] are accepted within the root of nouns and verbs of all dialects in Portuguese: e.g. paixão [pajfẽw] ‘passion’, bairro [bájru] ‘quarter’, pairar [pajrác] [...]. **This fact shows that the domain of application of the spreading rule [...] is restricted to the morphological boundary [VT+person suffix] in past tenses.***

(Mateus e Andrade 2000: 78; negrito nosso)

Seria esta AV «residual», circunscrita à flexão verbal, que explicaria formas e representações como as de (5) (Mateus e Andrade 2000: 34, 77–78, Mateus *et al.* 2003: 1028–1029)<sup>968</sup>, nas quais a primeira fonte citada identifica um processo de «spreading of the V-place and the height features of the person suffix» (Mateus e Andrade 2000: 77).

<sup>968</sup> A inibição da AV, na flexão verbal, em formas como *amais* ou *amai*, em que VT /a/, apesar de anteceder /i/, não sofre assimilação ([v'majf], [v'maj]), explicar-se-ia, de acordo com Mateus (1982: 106–107) e Mateus *et al.* (2003: 1022), através do postulado das formas subjacentes /dES/ e /dE/ para o MNP de 2.<sup>a</sup> pessoa do plural. A consoante inicial destes morfemas na sua forma teórica evitaria, no nível subjacente, a adjacência /A ∅ I/, o que explicaria o bloqueamento do fenómeno assimilatório. Tal consoante perdeu-se sincronicamente na forma de superfície (como se torna patente nas transcrições fonéticas dadas no início desta explicação). Contudo, foi conservada, de acordo com esta argumentação, na representação subjacente do morfema flexional. Esta proposta encontra justificação etimológica (/d/ descende de /t/ intervocálico latino: lat. *amatis* > PM *amades*; lat. *amate* > PM *amade*), diacrónica (formas como *amades* e *amade* são encontradas até relativamente tarde na história do português) e também síncronica, pois formas como *-des* e *-de* são ainda preservadas em certos tempos verbais (como o futuro imperfeito do conjuntivo e o infinitivo flexionado: *amardes*, *fordes*, *serdes*, *quiserdes*, etc.) e em imperativos excepcionais como *sede*, *lede*, *vede*, *tende*, etc. As representações teóricas (simplificadas) de formas como *amais* ou *amai* seriam então, de acordo com esta proposta, as seguintes:

*amai*: v'maj], /ama<sub>Tema</sub>+dE<sub>MNP</sub>/  
*amais*: [v'majf], /ama<sub>Tema</sub>+dES<sub>MNP</sub>/

## (5) Assimilação Vocálica em formas flexionadas de verbos da primeira conjugação em português

AV da vogal temática
PretPerfInd,P1: /av <sub>T</sub> +i <sub>MNP</sub> / > [ej] → /ama <sub>Tema</sub> +i/ > am[ej] ( <i>amei</i> )
PretPerfInd,P3: /av <sub>T</sub> +u <sub>MNP</sub> / > [ow] → /ama <sub>Tema</sub> +u/ > am[ow] ( <i>amou</i> )
AV do morfema de TMA
PretImpInd,P5: /va <sub>TMA</sub> +i <sub>SMNP</sub> / > [ejS] → /ama <sub>Tema</sub> +va <sub>TMA</sub> +i <sub>SMNP</sub> / > amáv[ej] ( <i>amáveis</i> )
CondSimp,P5: /ría <sub>TMA</sub> +i <sub>SMNP</sub> / > [ríejS] → /ama <sub>Tema</sub> +ría <sub>TMA</sub> +i <sub>SMNP</sub> / > amarí[ej] ( <i>amaríeis</i> )

\*\*\*

Como dissemos, a aceitação da AV como um processo produtivo ou não no português contemporâneo não constitui um tema central desta investigação. A sua ocorrência residual em alguns dialetos e, principalmente, a sistematicidade com que pode explicar uma série de alternâncias morfofonémicas na flexão verbal do português oferecem-nos, porém, motivação suficiente para procurarmos uma explicação económica e coerente para o processo – igualmente aplicável aos dados da sincronia e da diacronia –, o que procuraremos desenvolver na secção seguinte do trabalho, na qual nos dirigiremos às questões verdadeiramente centrais do estudo.

#### 4. Assimilação vocálica em fonologia dos elementos

Na presente secção, tentaremos propor uma descrição autosegmental da AV em discussão ao longo do trabalho, elegendo os *elementos* como as unidades que são objeto de aplicação das regras assimilatórias atestadas.

Conforme deixámos expresso em passagens anteriores em que procurámos classificar este processo como um processo de natureza *assimilatória* – dada a possibilidade de o descrevermos como a absorção, por V<sub>1</sub>, de propriedades de V<sub>2</sub>, no caso vertente dos seus elementos de tonalidade –, o fenómeno é aqui basicamente concebido como um processo de assimilação local (Zsiga 2011) categorizável como um processo de assimilação vocálica regressiva parcial (Kiparsky 1995, Carr 2008), também entendido como tal em estudos anteriores que se ocupam do português, como já foi referido, por autores como Mattos e Silva (2008).

Num modelo autosegmental que toma os elementos como objeto da sua atuação<sup>969</sup>, poderemos, em conformidade com estas assunções de base, descrever o fenómeno como uma migração dos traços de tonalidade de V<sub>2</sub> para a vogal atonal V<sub>1</sub><sup>970</sup>. Conforme dissemos anteriormente, esta explicação e a formalização a que ela dá origem e que apresentamos em (6) aplica-se, na presente proposta, quer à diacronia da língua, em que a assimilação é fonologicamente condicionada pelos alinhamentos /aI/ e /aU/ independentemente do contexto morfológico (vd. exemplos em (3)), quer à sincronia, em que a assimilação se regista, residualmente apenas, nos casos de flexão verbal (vd. exemplos em (5)) (mantendo-se, porventura, em alguns dialetos subdocumentados como processo produtivo e fonologicamente condicionado<sup>971</sup>).

Propomos para esta migração assimilatória regressiva, sem distinguir a sua aplicação diacrónica ou sincrónica, uma formalização como a que se encontra em (6).

(6) A AV como um processo autosegmental de **assimilação regressiva incompleta**

	/aI/→[ej]	/aU/→[ow]
	[[a] ∅ [i]   →   [e] ∅ [j]	[[a] ∅ [u]   →   [o] ∅ [w]
Cabeça	{ <u>A</u> } {I} {I} ← {I}	{ <u>A</u> } { <u>U</u> } { <u>U</u> } ← { <u>U</u> }
Operador	{A} {I} {A} {I}	{A} {U} {A} {U}

Desta assimilação, resulta que V<sub>1</sub>, vogal completamente atonal na sua origem, se torna uma vogal tonal, através da aborção de {I} (/a/→[e]) ou {U} (/a/→[o]).

<sup>969</sup> Torna-se pertinente registar neste momento que outras explorações de certos fenómenos históricos que afetam o vocalismo português numa perspetiva diacrónica adotaram um quadro explicativo baseado na fonologia dos elementos: Marquilhas (1991: 116–117), no capítulo sobre fonologia do latim vulgar incluído no manual de Castro (1991), para explicar o fenómeno de substituição das oposições quantitativas do latim clássico pelo sistema românico de oposições qualitativas, enquadra-o explicitamente na «fonologia das partículas» de Schane (1984).

<sup>970</sup> «Vogais tonais» e «vogais atonais» serão os termos doravante utilizados para nos referirmos, respetivamente, (i) à vogal completamente desprovida dos elementos de tonalidade {I} e/ou {U} (isto é, à vogal /a/(={A,A})) e (ii) às vogais que detêm, na sua estrutura interna, pelo menos um desses elementos de tonalidade (como /i/(={I,I}), /u/(={U,U}) ou /e/(={I,A}), p. ex.).

<sup>971</sup> Vd. nota 13.

Nos modelos baseados em elementos, os processos assimilatórios que atribuem tonalidade a uma vogal inicialmente desprovida de tonalidade são frequentemente descritos como processos de *coloração* (Donegan [Miller] 1973), de forma consistente com a conceção de {I} e {U} como traços *tonais* que conferem «cor» às vogais, bem como com as comparações entre a estruturas das vogais em elementos e a estrutura das cores compósitas encontradas, conforme referido, em autores como Schane (1984: 150) e Brandão de Carvalho, Nguyen e Wauquier (2010: 87):

*Coloring includes two distinct processes, Palatalization (e.g.  $i \rightarrow i$ ) and Labialization or Rounding (e.g.  $i \rightarrow u$ ). (Donegan [Miller] 1973: 388)*

É nesse sentido que propomos descrever o processo assimilatório que dita a passagem de /a/ a [e] em /aI/ e a [o] em /aU/ também como um processo de **coloração**<sup>972</sup>: /a/, intrinsecamente desprovida de «cor» (ou «tonalidade», na terminologia utilizada pela fonologia dos elementos para categorizar os elementos {I} e {U} numa classe à parte de {A}, conforme vimos na secção 2), obtém-na da vogal seguinte na sequência e em resultado do processo assimilatório que aqui nos ocupa.

Esta explicação pressupõe que, numa sequência |VogalAtonal ϕ VogalTonal|, a tonalidade de V<sub>2</sub> seja absorvida pela estrutura elementar de V<sub>1</sub>, passando para a posição de Cabeça desta última (nas formalizações de (6), o elemento em Cabeça é o que ocupa a primeira linha da representação, ficando o Operador na segunda linha).

No presente trabalho, não nos ocuparemos pormenorizadamente do fenómeno prosódico que, seguindo-se à coloração aqui descrita, aplica a V<sub>2</sub> a regra de glidização que dá origem, nas representações de superfície, aos ditongos [ej] e [ow] (em que /I/ e

<sup>972</sup> A este nível, a AV de que aqui nos ocupamos distingue-se da redução das vogais palatais átonas, aproximando-se da redução das labiais, conforme a proposta anteriormente desenvolvida em Veloso (2013). No estudo citado, defendemos que a redução do vocalismo átono do português europeu contemporâneo corresponde não a um mas sim a dois processos distintos: um processo de perda de elementos tonais, categorizável como um caso de **descoloração** (ou *centripetação/redução de contraste*, seguindo as tipologias dos fenómenos de redução vocálica de Harris 2005 e Crosswhite 2004), no caso das palatais (/e, ε/ → [i]: vd. os pares *medo/medroso* ([e]/[i]) e *pedra/pedreiro* ([ε]/[i])) vs. um processo de reforço total de elementos de **coloração** (ou, adotando as mesmas tipologias, *centrifugação/reforço de contraste*), no caso das labiais (/o, ɔ/ → [u]: vd. os pares *nojo/enojado* ([o]/[u]) e *pobre/pobreza* ([ɔ]/[u])). A AV que constitui o tópico central do presente estudo aproximar-se-ia, assim, do último destes dois processos envolvidos na «redução átona» do português europeu contemporâneo, tendo em mente o resultante reforço dos elementos de coloração {I} e {U}.

/U/, portanto, ocorrem como semivogais fonéticas: [j] e [w], respetivamente<sup>973</sup>). Assumimos, desde o início, que esse é o resultado frequente do processo assimilatório nos estádios mais antigos do português, concentrando a nossa atenção nos fenómenos sofridos por V<sub>1</sub> e não nos ocupando, por não serem centrais para a compreensão dos mecanismos assimilatórios aqui tratados, dos processos eventualmente verificados com V<sub>2</sub>.

Contudo, deter-nos-emos num outro processo subsequente que se verifica em diversas variedades do português, assim como noutras línguas românicas em que se dá este mesmo processo de coloração de V<sub>1</sub>: a redução do ditongo com coloração de V<sub>1</sub> a uma só vogal, com apagamento total da semivogal que é a realização de superfície de V<sub>2</sub> original. Referimo-nos precisamente aos casos – típicos de parte dos dialetos centro-meridionais do português europeu contemporâneo e de algumas variedades brasileiras da língua (Cintra 1958, 1971, Barros Ferreira *et al.* 1996, Segura 2013, Mattos e Silva 2013) – em que os ditongos históricos [ej] e [ow] sofrem, numa fase posterior da evolução diacrónica, uma *monotongação*, passando a realizar-se foneticamente como [e] (lat. *primariu*>port. *primeiro*=[[pri'mejru]>[pri'meru]]) e [o] (lat. *lauru*>port. *louro*=[['lowru]>['loru]]).

Como foi referido, estas realizações encontram-se, no português europeu, principalmente nas variedades centro-meridionais, sendo aceites pelos historiadores da língua como cronologicamente posteriores às formas ditongadas (e resultantes da sua «simplificação» – cf., p. ex., para uma referência clássica sobre o fenómeno, que o enquadra na variação diacrónica e diatópica, o estudo de Cintra (1958), ou ainda as observações de Teyssier (1990: 52–53) acerca da datação desta monotongação a partir das formas ditongadas<sup>974</sup>). Outras línguas românicas, como o espanhol e o francês metropolitano, apresentam o mesmo resultado. Nestas línguas, de um ponto de vista diacrónico, as sequências latinas /aI/ e /aU/ deram origem também, num primeiro passo, à coloração de /a/ e, posteriormente, à redução do ditongo assim formado a uma única vogal que *funde* (nos termos da FE) na sua estrutura interna os elementos de

<sup>973</sup> Por a datação exata desta glidização não constituir uma preocupação central deste estudo – não se revelando pertinente determinar se ela se deu no latim e/ou já em períodos mais ou menos recuados da formação do próprio português –, optámos por transcrever o vocoide original desta semivogal não o especificando quanto à silabidade (isto é, como /I/ ou /U/), conforme explicámos anteriormente.

<sup>974</sup> Vd. a parte final da nota 3.

tonalidade e de abertura, distribuindo-os, na relação Cabeça/Operador, de formas diferentes em função da organização do sistema fonológico típico de cada gramática:

- em espanhol, {A} ocupa preferencialmente a posição de Cabeça, conforme patente nas vogais [ɛ](={A,I}) e [ɔ](={A,U}) de *primero* ([ɛ]<lat. *primariu*), *leche* ([ɛ]<lat. *lakte*), *hecho* ([ɛ]<lat. *faktu*), e de *oro* ([ɔ]<lat. *auru*), *poco* ([ɔ]<lat. *paucu*), p. ex.<sup>975</sup>;
- em francês metropolitano, a distribuição destes elementos pela Cabeça e pelo Operador da vogal apresenta maior variação (vd. exemplos como *premier* ([e]<lat. *primariu*), em que o elemento de tonalidade ocorre como Cabeça (/e/={I,A}) e *or* ([ɔ]<lat. *auru*), em que o elemento de tonalidade ocupa a posição de Operador (/ɔ/={A,U}))<sup>976</sup>.

Estudando especificamente esta questão particular na formação do francês em comparação com outras línguas românicas e recorrendo à tipologia tradicional de processos assimilatórios que poderíamos encontrar, p. ex., em Carr (2008) e em Zsiga (2011), Angoujard (2003: 185ss.) distingue, nestes processos assimilatórios, entre processos de assimilação *incompleta* ou *não coalescente* (aqueles em que os dois vocoides se mantêm, no nível de superfície, como dois segmentos sucessivos) e processos de assimilação *completa* ou *coalescente*<sup>977</sup> (os que determinam que V<sub>1</sub> absorva V<sub>2</sub> totalmente, apagando-a completamente do nível de superfície). Segundo o autor, a assimilação coalescente seria o resultado histórico, numa fase posterior da diacronia linguística, da assimilação não coalescente. Interpretação semelhante, com

<sup>975</sup> Cf. Menéndez Pidal (1973: 44) para uma explicação histórica da formação destas vogais do espanhol a partir justamente de sequências originais /aI/ e /aU/, prevendo, no caso das primeiras, que a semivogal possa descender ainda de /k/ em coda no latim.

<sup>976</sup> O italiano, a este nível, apresenta um comportamento diferenciado, já que nesta língua (i) a sequência latina /aU/ sofre assimilação em casos como lat. *paupere*>it. *povero*, lat. *auru*>it. *oro* (mas não em lat. *lauru*>it. *lauro*, p. ex.), ao passo que (ii) /aI/, em geral, não sofre nenhum processo de coloração assimilatória, conforme demonstrado por evoluções fonéticas como lat. *februariu*>it. *febbraio*.

<sup>977</sup> «Coalescência» é o termo habitualmente utilizado na literatura fonológica para se referir a fusão completa de dois segmentos num só, em resultado de um processo de assimilação total – ou, nos termos de Carr (2008: 17, 29), «recíproca». («Reciprocal assimilation is also known as coalescence.» – Carr 2008: 17.) O termo não é aqui usado, portanto, na aceção em que alguns autores de linguística histórica o utilizam para fazerem referência à neutralização histórica de uma oposição com desaparecimento de um dos termos da oposição, integralmente substituído, na evolução diacrónica, por um termo «sobrevivente» (para uma utilização de «coalescência» nesta aceção, que não é a que aqui seguimos, veja-se, p. ex., o estudo de Penny (2013: 601–602) na parte em que se explica a perda de uma suposta oposição fonológica, no castelhano medieval, entre oclusivas sonoras não fricativizadas (descendentes das surdas latinas) e fricativizadas (descendentes das sonoras latinas), com prevalência das não fricativizadas e sobrevivência das fricativizadas como meros alofones das primeiras).

ligeiras diferenças terminológicas, é-nos oferecida para o português por Cintra (1958) e Teyssier (1990) e, para o espanhol, por Menéndez Pidal (1973). Com base na distinção entre assimilação coalescente e assimilação não coalescente, e sempre de acordo com Angoujard (2003), o francês seria categorizável como uma língua de assimilação coalescente a partir do século XI, data da monotongação de /aj/ (Angoujard 2003: 186)<sup>978</sup>.

Em (7), partindo de todos estes dados, propomos uma formalização dos processos de assimilação coalescente em que sequências historicamente descendentes da adjacência etimológica (*laicu, laite*) {V<sub>1</sub>\_/a/ ϕ V<sub>2</sub>\_VogalTonal} dão origem a *uma só vogal (tonal)*. Esta formalização aplicar-se-ia ao francês metropolitano contemporâneo, ao espanhol e a parte dos dialetos centro-meridionais do português europeu, nomeadamente, com uma diferença substancial entre estas línguas e variedades a que já acima fizemos alusão: em algumas, em que o resultado de superfície é uma vogal semiaberta, {A} ocupa a posição de Cabeça; noutras, em que o resultado de superfície é uma vogal semifechada, a Cabeça da vogal é {I} ou {U} ({I}, se V<sub>2</sub> original for /i/; {U}, se V<sub>2</sub> original for /u/). Os exemplos do quadro ilustram este tipo de assimilação coalescente. As formalizações apresentadas, para que possam ser aplicadas quer às línguas e variedades em que o resultado da coalescência é uma vogal semiaberta, quer àquelas em que o mesmo resultado é uma vogal semifechada, não apresentam qualquer distribuição rígida e fechada dos elementos {A, I, U} pelas posições de Cabeça e Operador do segmento.

(7) A assimilação coalescente como passo subsequente da coloração de V<sub>1</sub>: francês metropolitano contemporâneo, espanhol e parte dos dialetos centro-meridionais do português europeu contemporâneo

1	→	2
V1	V2	V1      √2
		/
/a/	/i ∨ u/	/e o/      /i ∨ u/

<sup>978</sup> O autor debruça-se em exclusivo sobre a coalescência de /aj/ em /ɛ/, não mencionando a coalescência com vogais labiais. «La réalisation [fajt] répond à cette nécessité [=criação de uma posição prosódica herdeira de /k/ latino, em «factu»] et la disparition de la diphtongue, à partir du XI<sup>e</sup> siècle, a été réalisée par coalescence [...] [aj]→[ɛ] [...]» (Angoujard 2003: 186).



Son={A}      Son=∅ Ton=∅ Ton={IvU}	Son={A} Ton={IvU}
lat. lakte > fr. <lait> [lɛ] esp. <leche> ['letʃɛ] port.c.-mer.      (Centro-Interior) <leite> ['letɨ]	lat. auru > fr. <or> [ɔʁ] esp. <oro> ['ɔɾɔ] port. c.-mer. <ouro> ['oru]

Ao contrário do francês metropolitano contemporâneo<sup>979</sup> e do espanhol, o português apresenta um comportamento misto no tocante ao processo de assimilação com coloração de V<sub>1</sub>: nos dialetos setentrionais, ela seria não coalescente (vd. formalização e exemplos em (6)), ao passo que, nos dialetos centro-meridionais, ela seria coalescente nos casos de /aU/ e, nas variedades centro-interiores deste *continuum* dialetal, nos casos de /aI/ também (aplicando-se-lhes a formalização de (7)).

O quadro seguinte ((8)) reúne os dois tipos de assimilação aqui considerados – assimilação não coalescente e assimilação coalescente –, distribuindo-os por línguas diferentes e concebendo, na linha de Cintra (1958) e Teyssier (1990) para o português, Menéndez Pidal (1973) para o espanhol e Angoujard (2003) para o francês, *a assimilação coalescente como um passo historicamente posterior à não coalescente*. Conforme aí propomos, e no seguimento das observações anteriores, o português seria categorizável, em função dos dialetos que considerássemos, quer no grupo das línguas de assimilação não coalescente (dialetos setentrionais), quer no das línguas de assimilação coalescente (dialetos centro-meridionais, no caso de /aU/; no caso de /aI/, dialetos do Centro-Interior)<sup>980</sup>.

(8) Da assimilação vocálica não coalescente à assimilação coalescente em francês (norma europeia padrão), em espanhol peninsular e nos principais blocos dialetais do português europeu contemporâneo.

<sup>979</sup> Nas variedades canadianas do francês, a realização fonética de ditongos decrescentes em algumas das palavras aqui exemplificadas permitiria incluir esta língua, como o português, no conjunto das línguas em que a assimilação conduz nuns dialetos à coalescência e noutros não. Dado que as características fonéticas e fonológicas e a origem histórica dos ditongos do francês do Quebeque apresentam particularidades (Martin 2002) que os diferenciam dos ditongos do português, esta questão não foi aqui aprofundada.

<sup>980</sup> Na variedade padronizada contemporânea de Lisboa, conforme já foi referido (vd. nota 9), o ditongo histórico [ej] é realizado sem monotongação e com centralização da vogal (como [ej], portanto).



1 → /V <sub>1</sub> V <sub>2</sub> / (V <sub>1</sub> Atonal ∅ V <sub>2</sub> Tonal)	2 → COLORAÇÃO NÃO COALESCENTE (V <sub>1</sub> Tonal ∅ V <sub>2</sub> Tonal)	3 COLORAÇÃO COALESCENTE (V <sub>1</sub> Tonal)
V <sub>1</sub> V <sub>2</sub>                                /a/                        /i u/ Son={A}                Son=∅ Ton=∅    Ton={IU}	V1                      V2                                /e o/                      /i u/ Son={A}                Son=∅ Ton={IU} ← Ton={IU}	V1                      V2                                /e o/                      /i u/ Son={A}                Son={A} Ton={IU}
lat. lakte > *lajte > fr. antigo <lait> [lajt]	lat. lakte > *lajte lat. auru > port. set. <leite> ['lejtɨ] port. set. <ouro> ['owru]	lat. lakte > *lajte lat. auru > fr. <lait> [le] esp. <leche> ['letʃe] port. c.-merid. <leite> ['letɨ]  fr. <or> [ɔʁ] esp. <oro> ['ɔrɔ] port. c.-merid. <ouro> ['oru]

No quadro que acabamos de apresentar, não atribuímos, no caso da assimilação coalescente, posições fixas para os elementos de tonalidade na estrutura interna da vogal (ou seja, não se prevê que, em resultado da coalescência de V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>, tais elementos tenham de se realizar como Cabeça ou como Operador), uma vez que, como vimos anteriormente (vd. (7)), essa distribuição variará de língua para língua. Refira-se também, relativamente a este quadro e à inscrição dos dialetos portugueses na modalidade de assimilação não coalescente ou coalescente, que foram contemplados exclusivamente os dialetos do português europeu contemporâneo, não sendo sido explicitamente consideradas as variedades não europeias da língua.

## 5. Conclusões e observações finais

No presente trabalho, foi nosso propósito aplicar os fundamentos da fonologia dos elementos, nomeadamente no que diz respeito à estrutura interna das vogais, à explicação dos fenómenos assimilatórios que dão origem a vogais tonais, como [e] e [o], a partir de uma vogal etimológica atonal /a/. As explicações propostas e desenvolvidas ao longo do estudo aplicam-se à realização dessas vogais:

- em ditongo (no caso das assimilações não coalescentes: lat. *lakte*>port. *leite* ['lejtɨ]; lat. *paucu*>port. *pouco* ['powku]);
- ou em «monotongo» (no caso das assimilações coalescentes: lat. *lakte*>port. *leite* ['leti]; lat. *paucu*>port. *pouco* ['poku]).

Este processo, de passagem de /a/ original (antecedendo /I/ ou /U/) a [e] e [o], foi aqui apresentado como um processo de *coloração*, seguindo a proposta de Donegan [Miller] (1973), que parte igualmente de uma conceção «elementarista» das vogais e dos fenómenos vocálicos. Tal coloração é tida em conta, nas propostas que aqui apresentamos, como uma modalidade de *assimilação local regressiva entre vogais* (Kiparsky 1995, Carr 2008, Mattos e Silva 2008, Zsiga 2011).

Combinando uma conceção autosegmental dos elementos vocálicos com a descrição estrutural do fenómeno em si mesmo, propusemos então que esta assimilação vocálica, muito produtiva na história da língua, fosse descrita como a migração dos elementos de tonalidade ({I}, {U}) de uma V<sub>2</sub> /i/ ou /u/ para uma V<sub>1</sub> /a/ completamente desprovida de tais elementos, tendo-nos sido possível identificar este tipo de fenómeno noutras línguas também.

Embora tenhamos analisado sobretudo a importância diacrónica deste processo – hoje inativo, na maior parte dos dialetos do português, enquanto processo fonologicamente condicionado (isto é, enquanto processo motivado exclusivamente pela adjacência linear de vogais) –, foi observado o seu funcionamento na flexão verbal do português. A partir dessa observação, e corroborando interpretações encontradas em estudos anteriores (p. ex., Mateus e Andrade 2000), foi possível verificar que a AV que é o objeto central desta investigação mantém uma aplicação regular nos processos flexionais verbais do português, capaz de determinar uma série de variações alomórficas encontradas sobretudo nos verbos da primeira conjugação. Com efeito, à especificação da qualidade da última vogal de muitos morfemas flexionais verbais do português em termos dos elementos {A, I, U} parecem aplicar-se exatamente os mesmos mecanismos que julgamos ser possível identificar para o fenómeno fonológico mais geral de assimilação/coloração que deu origem, historicamente, a um grande número de ditongos [ej] e [ow] em estádios anteriores do português, independentemente de variáveis morfossintáticas. Esta observação leva-nos a considerar que o processo de assimilação vocálica aqui descrito não se encontra

totalmente desativado em português: embora, como fenómeno fonologicamente motivado apenas pela ordem linear das vogais, ela já não impeça formas como *laico* ou *dinossauro* (sem coloração assimilatória de V<sub>1</sub>), a AV continua a explicar muitas variações alomórficas da flexão verbal do português. Qualquer explicação dos mecanismos flexionais verbais desta língua ficará, a nosso ver, insuficientemente concluída se não for feita uma referência detalhada a estes mesmos processos assimilatórios. Por outras palavras: a explicação da produção de formas como *amei* e *amou* só se tornará completamente satisfatória e adequada se a especificação fonética da VT dessas mesmas formas for explicitamente relacionada com a AV coloratória nos termos descritos ao longo do trabalho e com a importância que este processo teve, pelo menos em dadas fases da história da língua, na formação dos ditongos encontrados nessas mesmas formas verbais.

A um nível mais teórico, salientaremos que, perante a argumentação desenvolvida ao longo do trabalho, considerando as análises dos dados linguísticos apresentadas e relevando as propostas de formalização que propusemos, um modelo da estrutura interna das vogais como o que nos é fornecido pela fonologia dos elementos nos parece suficientemente potente e adequado para descrever não só o inventário vocálico da língua, mas também um conjunto de processos vocálicos como a AV de que aqui nos ocupámos. Baseado num conjunto de primitivos muito reduzido e foneticamente motivado, divididos entre elementos de sonoridade e elementos de tonalidade (com comportamentos diferentes), tal modelo revela-se efetivamente muito apropriado para uma descrição cabal de diversos fenómenos históricos e ainda para a comparação entre línguas e variedades de línguas, conforme tentámos demonstrar na secção 4 do texto.

Pensamos, assim, ter demonstrado o interesse deste tipo de abordagem para uma interpretação mais agregadora que permite combinar (i) dados fonológicos e morfológicos, (ii) línguas e variedades de língua diferentes e, finalmente, (iii) diacronia e sincronia.

## PRINCIPAIS SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

∨=Ou (disjunção lógica)

∅=precede imediatamente

∅=zero

AV=assimilação vocálica

CondSimp=Condicional Simples

esp.=espanhol

FE=Fonologia dos Elementos

fr.=francês metropolitano contemporâneo

ing.=inglês

it.=italiano

lat. cl.=latim clássico

lat.=latim

MNP=Morfema Número-Pessoal

P1=1ª pessoa do singular

P3=3ª pessoa do singular

P5= 2ª pessoa do plural

PC=português contemporâneo

PM=português medieval

PMod.=português moderno

port. c.-mer.=português europeu, dialetos centro-meridionais

port. set.=português europeu, dialetos setentrionais

port.=português

PretImpInd=Pretérito Imperfeito do Indicativo

PretPerfInd=Pretérito Perfeito Simples do Indicativo

Son=Sonoridade

21

TMA=Morfema de Tempo-Modo-Aspetto

Ton=Tonalidade

V1=Primeira vogal de uma sequência de duas vogais adjacentes

V2=Segunda vogal de uma sequência de duas vogais adjacentes

VT=Vogal Temática

**Referências**

- Anderson, J. M. e C. J. Ewen. 1987. *Principles of dependency phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Angoujard, Jean-Pierre. 2003. «Phonologie et diachronie». In *Phonologie: Champs et perspectives*, ed. Jean-Pierre Angoujard e Sophie Wauquier-Gravelines, 173–194. Lyon: ENS Editions.
- Angoujard, Jean-Pierre. 2006. *Phonologie déclarative*. Paris: CNRS.
- Backley, Philip. 2011. *An Introduction to Element Theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

- Barros Ferreira, Manuela, Ernestina Carrilho, Maria Lobo, João Saramago e Luísa Segura da Cruz. 1996. «Variação linguística: perspectiva dialectológica». In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, ed. Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, e Carlos A. M. Gouveia, 477–502. Lisboa: Caminho.
- Boltanski, Jean-Elie. 1999. *Nouvelles directions en phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Brandão de Carvalho, Joaquim, Noël Nguyen e Sophie Wauquier. 2010. *Comprendre la phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Brandão de Carvalho, Joaquim. 1993. «De quoi sont faites les voyelles? Phonologie tridimensionnelle des particules et harmonie vocalique». In *De natura sonorum: Essais de phonologie*, ed. Bernard Laks, e Marc Plénat, 65–100. Vincennes: Presses Universitaires de Vincennes.
- Brandão de Carvalho, Joaquim. 2011. «Contrastive hierarchies, privative features, and Portuguese vowels». *Linguística* 6(1): 51–66.
- Carr, Philip. 2008. *A Glossary of Phonology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Castro, Ivo. 1991. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cintra, Luís F. Lindley. 1958. «Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico». *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*, 115–134. Rio de Janeiro RJ: Ministério da Educação e Cultura.
- Cintra, Luís F. Lindley. 1971. «Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses». *Boletim de Filologia* XXII: 81–116.
- Crosswhite, K. M. 2004. «Vowel reduction». In *Phonetically Based Phonology*, ed. B. Hayes *et al.*, 191–231. Cambridge: Cambridge University Press.
- Donegan [Miller], P. 1973. «Bleaching and Coloring». In *Papers from the Ninth Regional Meeting*, 386–397. Chicago IL: Chicago Linguistic Society.
- Durand, Jacques. 2005. «Les primitives phonologiques: des traits distinctifs aux éléments». In *Phonologie et phonétique: Forme et substance*, ed. N. Nguyen, S. Wauquier-Gravelines e J. Durand, 63–89. Paris: Hermès.
- Glessgen, Martin-Dietrich. 2007. *Linguistique romane. Domaines et méthodes en linguistique française et romane*. Paris: Armand Colin.
- Harris, J. 2005. «Vowel reduction as information loss». In *Headhood, Elements, Specification and Contrastivity*, ed. P. Carr *et al.*, 119–132. Amsterdam: John Benjamins.
- Kaye, Jonathan, Jean Lowenstamm e Jean-Roger Vergnaud. 1985. «The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government». *Phonology Yearbook* 2: 305–328.

- Kaye, Jonathan. 1990. «The strange vowel sets of charm theory: the question from top to bottom». *Journal of Linguistics* 26: 176–177.
- Kiparsky, Paul. 1995. «The Phonological Basis of Sound Change». In *The Handbook of Phonological Theory*, ed. John A. Goldsmith, 640–670. Cambridge MA: Blackwell.
- Lass, Roger. 1984. *Phonology: An introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Maia, Clarinda de Azevedo. 1986. *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: INIC.
- Marquilhas, Rita. 1991. «Estrutura e evolução do latim vulgar». In *Curso de História da Língua Portuguesa*, Ivo Castro, 104–118. Lisboa: Universidade Aberta.
- Martin, Pierre. 2002. «Le système vocalique du français du Québec. De l'acoustique à la phonologie». *La linguistique* 38(2): 71–88.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho.
- Mateus, Maria Helena Mira. 1982. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: INIC.
- Mateus, Maria Helena e Ernesto Andrade. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2008. *O Português Arcaico. Uma Aproximação. Volume II. Sintaxe e fonologia*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2013. «O Português do Brasil». In *Gramática do Português*, ed. Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes, I, 143–154. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Menéndez Pidal, R. 1973. *Manual de Gramática Histórica Española*. 14.<sup>a</sup> ed. Madrid: Espasa-Calpe.
- Neto, Serafim da Silva. 1988. *História da Língua Portuguesa*. 5.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro RJ: Presença.
- Nunes, José Joaquim. 1956. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livraria Clássica.
- Penny, Ralph. 2013. «Evolución lingüística en la baja edad media: Evoluciones en el plano fonético». In *Historia de la Lengua Española*, ed. Rafael Cano, 593–612. Barcelona: Ariel.
- Schane, Sanford A. 1984. «The Fundamentals of Particle Phonology». *Phonology Yearbook* 1: 129–155.



- Scheer, Tobias. 1998. «La structure interne des consonnes». In *Langues et Grammaire (II-III): Phonologie*, ed. Patrick Sauzet, 141–172. Saint Denis: Université de Paris 8.
- Scobbie, J. M., J. S. Coleman e S. Bird. 1996. «Key Aspects of Declarative Phonology». In *Current Trends in Phonology: Models and Methods*, ed. J. Durand e B. Laks, II, 685–709. Manchester: ESRI/University of Salford.
- Segura, Luísa. 2013. «Variedades dialetais do português europeu». In *Gramática do Português*, ed. Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes, I, 83–142. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teyssier, Paul. 1990. *História da Língua Portuguesa*. 4.<sup>a</sup> ed. Traduzido por Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa.
- Van Der Hulst, Harry. 1989. «Atoms of Segmental Structure: Components, Gestures and Dependency». *Phonology* 6(2): 253–284.
- Vázquez Cuesta, Pilar e Maria Albertina Mendes da Luz. 1971. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Veloso, João. 2012. «Vogais centrais do português europeu contemporâneo: Uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos». *Letras de Hoje* 47(3): 234–243.
- Veloso, João. 2013. «Redução do vocalismo átono do português europeu contemporâneo: Assimetria dos elementos de tonalidade e interação entre diversos tipos de redução vocálica». In *Textos Selecionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 655–672. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística.
- Veloso, João. 2016. «O sistema vocálico e a redução e neutralização das vogais átonas em português europeu contemporâneo». In *Manual de Linguística Portuguesa*, ed. Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho, 636–662. Berlin: De Gruyter.
- Veloso, João. 2017. «Monossílabos CV do português: leves e degenerados? Sonoridade vocálica e iteração de elementos na atribuição de peso e na preservação da minimalidade em português». *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*.
- Zsiga, Elizabeth C. 2011. «Local Assimilation». In *The Blackwell Companion to Phonology. Volume III. Phonological Processes*, ed. Marc Van Oostendorp, Colin J. Ewen, Elizabeth Hume e Keren Rice, 1919–1944. Malden MA: Wiley-Blackwell.